

CARTA A UM JOVEM HISTORIADOR DA EDUCAÇÃO

Antonio Nóvoa*

Em Brasília, no dia 15 de Novembro de 2014

Os meus primeiros encontros com Julio Ruiz Berrio tiveram lugar no início da década de oitenta, nos congressos da Associação Internacional de História da Educação (ISCHE). Seguiram-se trinta anos de conversas e diálogos, tão importantes para mim. Em conjunto, organizámos o 1º Encontro Ibérico de História da Educação, realizado em São Pedro do Sul, em 1992. Abriram-se, então, ligações que se foram tornando cada vez mais sólidas entre grupos e investigadores no espaço ibérico.

Aprendi muito com Julio Ruiz Berrio, com a sua maneira de ser e de estar, com o seu rigor científico, com a sua sabedoria. Quando assumi a presidência do ISCHE, entre 2000 e 2003, encontrei nele um apoio seguro, conselhos certos e palavras justas. Recordo, em particular, a sua preocupação com os jovens e com a renovação da História da Educação.

Por isso, quando os responsáveis da revista *Historia y Memoria de la Educación* me convidaram para participar neste número em sua homenagem veio-me de imediato a ideia de escrever uma *Carta a um jovem historiador da educação*.¹ Após alguma hesitação, pois o género epistolar pertence parece ter caído em desuso, decidi mesmo escrevê-la. Aqui a têm.

¹ Esta carta inspira-se numa outra que apresentei na Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (Vila Real, 11 de Setembro de 2014).

* Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade. 1649-013 Lisboa, Portugal. novoa@reitoria.ul.pt

Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos. Nela, o que interessa é a relação, esse diálogo em que cada um conversa consigo mesmo quando se dirige ao outro, ainda que seja um outro imaginário. Estamos perante «a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo».²

Antes de começar, recordo o desafio que David Labaree, historiador da educação, lançou aos jovens no seu sermão sobre investigação educacional: «Errem, sejam preguiçosos e irrelevantes; e pensem no vosso trabalho como um esforço para equilibrar os valores da verdade, da justiça e da beleza».³

É este o mote para a carta que a seguir escrevo, com oito conselhos, e ainda um nono, porque nele está tudo o que me inquieta, o que procuro na academia e na vida.

1. CONHECE-TE A TI MESMO

E assim componho o meu primeiro conselho —«Conhece-te a ti mesmo»— que, sem surpresa, vou buscar a Rainer Maria Rilke, na sua primeira carta a um jovem poeta: «Está a olhar para fora de si, e é sobretudo isso que não deve fazer agora. Ninguém o pode aconselhar, ninguém o pode ajudar, ninguém. Há uma única via. Entre dentro de si».⁴

Talvez não seja muito importante o que a vida faz connosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. Não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância. Num erro, podem estar ensinamentos preciosos. É preciso ter dúvidas. «Não queiras saber tudo. Deixa um espaço livre para te seres a ti».⁵

Não escolhas os temas da tua investigação por catálogo ou por mera conveniência. Procura, dentro de ti, os problemas que te inquietam, aquilo que queres saber e compreender. A prática científica é sempre, de uma ou de outra maneira, um «ajuste de contas» com a nossa vida. Se não encontrarmos aquilo que nos inquieta, as perguntas a que queremos responder, se não nos

² Vergílio Ferreira, *Carta ao futuro* (Amadora: Livraria Bertrand, 1981, 3.ª edição), 9.

³ David Labaree, «A Sermon on Educational Research», *International Journal for the Historiography of Education*, 2 (1), (2012): 74.

⁴ Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta* (Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2008), 12 (a carta citada é enviada de Paris, no dia 17 de Fevereiro de 1903).

⁵ Vergílio Ferreira, *Escrever* (Lisboa: Bertrand Editora, 2001, 3.ª edição), 81.

implicarmos por inteiro, jamais produziremos um trabalho com sentido para nós e para os outros.

É por isso que cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo, até encontrar aquilo que o define e que o distingue como investigador. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento.⁶ Sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido.⁷ É isso que marcará a diferença na tua história. O conhecimento exige coragem.

2. CONHECE BEM AS REGRAS DA TUA DISCIPLINA, MAS NÃO DEIXES DE ARRISCAR E DE TRANSGREDIR

Depois, conhece bem aquilo que fazes, a tua disciplina, o teu campo académico, as normas, as metodologias, os preceitos da *história da educação*. Conhece-as, mas cumpre-as *q.b.*, *quanto baste*, porque a investigação ou é criação ou nada é.

A história tem as suas regras próprias. O nosso objecto é o passado, mas as perguntas somos nós que as fazemos, a partir do nosso tempo, do tempo presente. Por isso, não podemos ignorar nem o passado nem o presente. Vou tentar explicar melhor.

Não podemos ignorar o nosso objecto, *o passado*, e, por isso, temos de evitar o «presentismo», temos de compreender que em cada época há maneiras próprias de pensar, de sentir e de viver. Confundir as épocas, como se todas fossem iguais, torna impossível qualquer interpretação histórica. Quando se uniformizam os diferentes períodos, constrói-se um «tempo contínuo», que apaga as rupturas e nos impede de ver os momentos, os processos, os conflitos, e até os silêncios, que dão sentido à história.

Mas também não podemos ignorar o tempo em que vivemos, *o presente*, pois é nele que estão as nossas perguntas. A história não é uma simples reconstrução do passado, dos acontecimentos e dos factos que tiveram lugar numa determinada época. A história é sempre um esforço de

⁶ Referência a uma passagem da obra de Michel Serres, *Le tiers-instruit* (Paris: Éditions François Bourin, 1991), 28.

⁷ Referência ao poema de Robert Frost, *The road not taken*, publicado em 1916.

problematização, uma obra de arte, de criação, feita hoje com base num exame rigoroso do passado.

A história da educação não é o «passado», o que esmaeceu e desapareceu e não volta, mas sim a continuidade que vem ao agora e até ao amanhã, um passado que se prolonga em presente e em projecto: a história é um modo —o mais pertinente, o mais adequado— de bem pôr os problemas de hoje graças a uma indagação científica do passado.⁸

Como todo o conhecimento, a história faz-se assumindo riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência.

3. CONHECE COM GRANDE ABERTURA TEMÁTICA E METODOLÓGICA

Nas últimas décadas, a história da educação abriu-se a uma enorme diversidade de temas, para além das questões escolares. É preciso continuar este movimento, alargar o repertório dos nossos estudos, desde a infância aos adultos, desde a educação escolar à educação informal, desde a aprendizagem à cultura e ao conhecimento... Esta abertura leva-nos a descobrir novas problemáticas e realidades que a historiografia educacional deixou ocultas, em silêncio.

Ao mesmo tempo, é preciso alargar o nosso repertório metodológico. Devemos dedicar uma parte importante do nosso trabalho às fontes, pois sem isso não é possível construir interpretações sólidas e consistentes. Como jovem historiador deves ser capaz de trazer novos olhares sobre os «documentos» que as anteriores gerações deram a conhecer. Mas deves também partir à descoberta de novas fontes, desconhecidas ou inexploradas. Este esforço é fundamental para renovar a história da educação.

Quanto aos métodos, o conselho que tenho para te dar é muito simples: sê oportunista. Uso esta expressão no mesmo sentido de Adam Przeworski,

⁸ Este parágrafo adapta à história da educação uma passagem de Vitorino Magalhães Godinho, *Escolas do Magistério Primário - Programas* (Lisboa: Ministério da Educação, 1977).

que se definia como um «oportunista metodológico».⁹ Não te deixes fechar em esquemas metodológicos rígidos, em ortodoxias. Abre-te a todas as possibilidades, como bem escreve Michel Serres: «Dedicados à procura da verdade, nem sempre a atingimos quando a buscamos pelas análises e equações, pelas experiências ou evidências formais; por vezes, é preciso recorrer ao ensaio; e quando o ensaio não chega, sigamos pelo conto, se for possível; se a meditação fracassa por que não tentar a narrativa?».¹⁰

Durante muito tempo, a busca de originalidade conduzia os historiadores a escolherem assuntos que não tivessem sido ainda objecto de estudo. Hoje, o que interessa é construir interpretações originais, dos mesmos problemas ou de novos problemas. Para isso, precisamos de alargar os repertórios temáticos e metodológicos e de recorrer a enquadramentos teóricos mais complexos. Não sejas um repetidor. Abre novos caminhos.

4. CONHECE EM TODAS AS FRONTEIRAS DO TEMPO E DO ESPAÇO

Fechada durante muito tempo nas fronteiras nacionais, a história da educação tem vindo a abrir-se a outros espaços e realidades, do micro ao macro, do local ao global. A história comparada —histórias transnacionais, globais, cruzadas, ligadas, partilhadas, etc.— conhece um grande desenvolvimento nos dias de hoje.

É importante que participes também neste movimento, pois, como já dizia Goethe, «quem não conhece línguas estrangeiras, não sabe nada da sua própria língua».¹¹ Só nos podemos conhecer a partir de fora, de um olhar exterior. O conhecimento é sempre alteridade, relação.

Para isso precisamos de adoptar novas concepções de espaço e de tempo, de espaço-tempo.

Por um lado, romper com uma visão linear, cronológica, do tempo e compreender as diferentes temporalidades que existem num determinado período histórico. Aprender a desdobrar o tempo como se fosse uma folha

⁹ Adam Przeworski, «The role of theory in comparative politics: A symposium», *World Politics*, 48 (1), (1996): 10.

¹⁰ Serres, *Le tiers-instruit*, 249.

¹¹ Frase célebre de Goethe, citada na obra *Languages in a Global World: Learning for Better Cultural Understanding* (Paris: OCDE, 2012), 440.

de papel, pôr fim a uma visão «fixista», libertar o tempo dos relógios e dos calendários.¹² A história não é um fio —«o fio do tempo»—, é um emaranhado de nós e de cordas que se entrelaçam. Precisamos de compreender a largura e a espessura do tempo, as diferentes temporalidades que existem numa determinada época.

Por outro lado, ir além de uma visão «imóvel» do espaço, olhar para as diferentes espacialidades, físicas e virtuais, para as redes, as comunicações, as conexões, os fluxos, as circulações, as ligações. Desmultiplicar os espaços, procurando compreendê-los para além dos sentidos, daquilo que se vê. Compreender que cada «espaço sólido» contém uma diversidade de espaços, de relações e de filiações.

O esforço para libertar o tempo dos relógios e o espaço dos mapas, pode traduzir-se em duas frases, difíceis mas importantes: cada *agora* contém muitos *antes* e *depois*; cada *aqui* contém muitos *alis*.¹³

Não é fácil o esforço para abrir novas concepções do espaço e do tempo, mas só ele nos conduzirá a novas interpretações históricas. É nesta inquietação, nesta vontade de atravessar as fronteiras do tempo e do espaço, que está o melhor de ti. Não te limites a confirmar o que já se conhece, a reproduzir com mais fontes e argumentos o que já faz parte do nosso património. Sem partida, não há viagem.

5. CONHECE PARA ALÉM DOS LIMITES DA TUA CIÊNCIA

E assim chego ao meu quinto conselho —«Conhece para além dos limites da tua ciência»— que vou buscar a um princípio que Abel Salazar fez seu: «o médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe». E aqui entra a preguiça —ou melhor, o ócio— de que nos fala David Labaree. E como é difícil cultivar o *otium* nesta universidade do *nec-otium*, do não-ócio, do *negotium*.

É preciso ler, ler muito, ler devagar, coisas diversas, coisas inúteis. Perder-se nas bibliotecas e nos arquivos. É preciso pensar, pensar muito, conquistar o tempo de pensar. Se não gostas de ler nem de pensar, podes tornar-te

¹² Ver Walter Benjamin, «Teses sobre o conceito de História», in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (Lisboa: Relógio de Água, 1992).

¹³ Mae-Wan Ho, «The new age of the organism», *Architectural Design*, 67 (9-10), (1997): 44.

um bom técnico de questionários ou de entrevistas ou de estatísticas ou de outra coisa qualquer, mas não serás um bom investigador.

Nunca te esqueças que inteligência vem de *inter-legere*, da capacidade de interligar. E que complexidade vem de *complexus*, daquilo que é tecido em conjunto.¹⁴ Uma e outra necessitam de uma base de cultura que não se esgota na «caixa» de uma ciência só. O matemático conhecerá melhor o mundo, e a sua própria disciplina, se souber de filosofia; e o historiador se souber de física; e o economista se souber de filosofia; e educador se souber de literatura e... por aí adiante ... num entrelaçar de culturas que é a própria definição de cultura.¹⁵

As ideias novas estão na fronteira, porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros. Talvez seja o momento de te lembrar que grandes descobertas foram feitas por acaso, mas que o acaso nunca é acaso, favorece sempre os olhos preparados para ver.¹⁶ Não há nada mais útil do que o conhecimento inútil. É ele que nos prepara para ver e para pensar fora dos quadros rígidos em que tantas vezes nos deixamos prender.

6. CONHECE EM LIGAÇÃO COM OS OUTROS

Hoje, mais do que nunca, o trabalho científico necessita de uma dimensão colectiva, colaborativa. Aqui fica o sexto conselho: «Conhece em ligação com os outros. Perde tempo, conversa, partilha cada passo do teu trabalho».

Como se diz num belo *Manifesto sobre a ciência lenta*: «Precisamos de tempo para pensar; de tempo para amadurecer. Precisamos até de tempo para nos desentendemos uns com os outros, sobretudo quando se trata de recuperar um diálogo perdido entre as humanidades e as ciências». ¹⁷

A investigação faz-se com saltos e sobressaltos, mas exige uma continuidade de condições, de infra-estruturas e de grupos. É esse património que nos permite chegar onde nunca chegaríamos sozinhos. Não podemos des-

¹⁴ Segundo Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne, *L'intelligence de la complexité* (Paris: L'Harmattan, 1999).

¹⁵ Referência a uma passagem da obra de Michel Serres, *Le tiers-instruit*, 123.

¹⁶ Referência a uma citação muito conhecida de Louis Pasteur, recolhida num discurso proferido no dia 7 de Dezembro de 1854: «souvenez-vous que dans les champs de l'observation le hasard ne favorise que les esprits préparés».

¹⁷ *The Slow Science Manifesto*, lançado em 2010, pode ser consultado na página www.slow-science.org.

cansar na luta por políticas científicas que valorizem o conhecimento (todo o conhecimento), que valorizem a ciência como ciência e como cultura.

Infelizmente —como bem sabemos— há hoje uma tendência forte para valorizar apenas a investigação com relevância económica e tecnológica em detrimento das ciências fundamentais, das artes e das humanidades. Estas ideologias têm acentuado um produtivismo académico que atinge todas as áreas, com *papers* e mais *papers*, plágios e auto-plágios, artigos repetidos, cortados em fatias (que assim rendem mais), numa corrida com muitos números mas sem sentido.

Não posso aconselhar-te a recusares frontalmente este mundo. Não tenho o direito de te empurrar para um suicídio rápido. Mas não faças da tua sobrevivência um suicídio lento, vergado a um trabalho alienado, a um produtivismo académico que está a destruir o melhor da cultura universitária.

Não há universidade, nem ciência, sem debate, sem partilha, sem transmissão de uma herança. Por isso, é tão importante o trabalho colectivo e a dimensão intergeracional, bem presentes na ideia original de *seminário*, que junta a ciência e o ensino, a pesquisa e a formação avançada. É na conversa com os outros, mestres e colegas, que se definem e enriquecem os nossos próprios caminhos. É também para isso que precisamos de tempo e de condições.

7. CONHECE COM A TUA ESCRITA, POIS É ISSO QUE TE DISTINGUE COMO INVESTIGADOR

O meu sétimo conselho pode parecer-vos excessivo, mas é o que penso depois de muitos anos a orientar teses e grupos de pesquisa: «Conhece com a tua escrita, pois é isso que te distingue como investigador. Se não gostas de escrever, então desiste, dedica-te a outra vida, não foste feito para investigar».

A escrita académica —e muito em particular a escrita da história— não é apenas um modo de apresentar dados ou resultados, é sobretudo uma forma de expressão pessoal e até de criação artística. Verdadeiramente, é no momento da escrita que se define o trabalho académico, que cada um encontra a sua própria identidade como investigador.

Não escrevas uma história «fechada». Procura abrir-te a várias histórias e interpretações sem nunca deixares de afirmar a tua própria posição. O

historiador não procura devolver-nos um passado estático que estaria inscrito nos factos; bem pelo contrário procura compreender todas as histórias e identificar os grupos que tiveram capacidade e legitimidade para as contar.

Para isso, precisas de escapar à linearidade, de olhar com atenção para os conflitos e para as diferenças. Em cada momento, há sempre vários futuros, mas só um acontece. É na explicação deste processo que se encontra a chave da história.

A tua escrita tem de reconhecer os autores que trabalharam antes de ti. Não os ignores, pensando que assim valorizas a tua presença. Sê crítico, mas inscreve-te num património historiográfico que começou antes e continuará depois de ti.

Não busques a dificuldade inutilmente. Procura a fluidez do texto, da narrativa. Se conseguires usar uma palavra pequena não uses uma grande, se conseguires construir uma frase curta não te deixes tentar por uma longa, se conseguires escrever menos não escrevas mais.¹⁸

Escreve apenas quando de todo não puderes deixar de fazê-lo. E sempre se pode deixar.¹⁹ Não há nada pior para um jovem investigador do que a incapacidade para pôr ponto final no seu trabalho, seja por uma atitude excessivamente autocrítica, seja pela busca de uma perfeição ilusória, seja pelo receio da exposição pública, seja pela mistura de tudo isto. O dilema só se resolve no dia em que percebermos os limites das nossas interpretações, e os nossos próprios limites. Não há texto perfeito, nem definitivo.

8. CONHECE COM RESPONSABILIDADE

Em 1942, quando recebeu uma carta do então jovem aspirante a poeta Fernando Sabino, Mário de Andrade deu-lhe algumas sugestões e terminou assim: «E não lhe seria possível botar um bocado mais de *responsabilidade* humana colectiva nas suas obras?».²⁰ Uso as palavras de

¹⁸ Parágrafo inspirado no texto de George Orwell, «Politics and the English Language», in *The collected essays, journalism and letters of George Orwell* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968): vol. 4, 139.

¹⁹ Este apontamento inspira-se no primeiro conselho de Carlos Drummond de Andrade a um jovem: «Só escreva quando de todo não puder deixar de fazê-lo. E sempre se pode deixar» —in *A bolsa & A vida* (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962), 114.

²⁰ A carta é de São Paulo, 10-01-1942, e consta do livro *De Mário de Andrade a Fernando Sabino - Cartas a um Jovem Escritor* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1981), 15.

Mário de Andrade para com elas levantar o meu oitavo conselho: «Conhece com responsabilidade».

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de reflectir sobre o seu trabalho, de compreender a importância do conhecimento para as sociedades contemporâneas. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua acção nas continuidades e mudanças da educação. A história da educação só existe a partir desta dupla possibilidade.

A «objectividade» e a «verdade» estão na raiz da nossa disciplina, mas hoje sabemos que estes conceitos não se declinam no singular mas no plural. A partir das mesmas fontes, podemos contar diferentes histórias, desde que se baseiem em análises rigorosas, consistentes e coerentes.

A investigação histórica necessita de um certo distanciamento em relação aos objectos de estudo, mas isso não implica neutralidade ou indiferença. A história não tem lições para dar, mas é indispensável para abrir novas compreensões, para iluminar aspectos que foram deixados na sombra. André Burguière tem razão quando diz que o objecto do historiador não é o passado em si próprio, mas sim tudo o que nos vestígios deixados por este passado pode responder às questões que ele coloca e que lhe são sugeridas pelo mundo em que vive.²¹ É preciso que conheças com responsabilidade, com a responsabilidade que o conhecimento te traz.

Nunca desistas, mesmo perante as adversidades. Muitos te dirão que o teu trabalho é inútil. Mas esta incompreensão não é de agora. Logo em meados do século xix, Théodore Barrau denunciava esta «ciência laboriosamente inútil» que dava pelo nome de história da pedagogia: «Um jovem professor não poderia fazer uma pior utilização do seu tempo do que empregá-lo na leitura deste tipo de livros».²²

A universidade está repleta de trabalhos «relevantes», que não tiveram nenhuma utilidade, e de muitos outros, «irrelevantes», que abriram novas maneiras de educar. A história não serve para nada, a não ser para pensar. E isto é tudo.

²¹ André Burguière, *Dictionnaire des Sciences Historiques* (Paris: Presses Universitaires de France, 1986), VIII.

²² Théodore Barrau, «De l'histoire de l'enseignement et de l'éducation», in *Manuel générale de l'instruction primaire*, 3e série, 1, (1857), 4.

9. CONHECE COM LIBERDADE E PELA LIBERDADE

Anunciei-vos, de início, que seriam oito conselhos mais um. O último é o primeiro, porque, sem ele, nada faz sentido, nada me faz sentido: «Conhece com liberdade e pela liberdade».

Durante muito tempo, o espaço universitário esteve protegido do exterior, fechado sobre si mesmo. Isso dava-lhe uma certa autonomia face a constrangimentos externos, mas conduzia, frequentemente, a lógicas corporativas, medíocres e autoritárias, e a um insuportável mandarinato universitário.

Hoje, são as influências externas que estão a asfixiar a liberdade, através de lógicas de mercantilização das universidades e de processos empresariais de gestão que multiplicam os dispositivos de controlo e de vigilância da profissão académica. O produtivismo, com todos os seus desdobramentos, está a destruir o espírito crítico, a liberdade de conhecimento e de criação.

Enquanto investigadores temos um dever de desprendimento e de desinteresse, isto é, somos chamados a prender-nos e a interessar-nos por uma causa maior que não cabe nas contas da «universidade empresarial».

No princípio e no fim da investigação está sempre a liberdade. É para isso, e por isso, que tens de trabalhar, de pensar e de escrever a história da educação.

Eis o que te quis escrever.

Com uma única certeza: a de que não tenho certezas.

Com um único desejo: que, apesar de todos os constrangimentos, sejas capaz de habitar livremente o teu lugar como investigador.

Com uma única convicção: que sem conhecimento, sem criação, sem cultura, sem história, não há futuro para a universidade nem para a educação.

Talvez não precisasses de ler esta carta, mas eu é que precisava de a escrever. Segue pelo correio ainda hoje. Vou ver se consigo encontrar um selo que tenha a palavra «liberdade».

Nota sobre o autor:

ANTÓNIO NÓVOA é Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Foi Reitor da Universidade de Lisboa entre 2006 e 2013. Em 2014, a Universidade atribuiu-lhe o título de Reitor Honorário. É Doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genève) e Doutor em História (Universidade de Paris IV – Sorbonne). Publicou mais de 200 títulos, entre artigos e livros, sobre temas como a profissão docente, a formação de professores e as políticas educativas. Em 2005, recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. Em 2014, foi galardoado com o Prémio Universidade de Coimbra.